

## **Notas sobre o feminismo**

Heloísa Buarque de Hollanda

A pergunta se existe ou não uma linguagem feminina vem povoando o universo crítica as artes e letras desde o início do século. Hoje, com total clareza pode-se perceber a falácia dessa questão de conteúdo tacitamente excludente. O que existe, isso sim são estratégias, manobras, femininas para lidar com uma realidade que lhe definiu uma posição de desigualdade histórica entre homens e mulheres. Não foi por acaso que durante todo o século XX, também conhecido como o Século das Mulheres, as mulheres lutaram nas mais diversas frentes para conseguir marcar sua posição na sociedade, na cultura, na política. Foi o pique revolucionário internacional dos anos 60, com o feminismo sinalizando a entrada definitiva das mulheres na arena política e cultural, marcando uma guerra de posição, de definição de territórios, de demandas pelo fim das diferenças entre homens e mulheres. Anos 60-70 de muita paixão e da experiência das primeiras vitórias, dos primeiros resultados concretos.

Em 1975, a ONU sensibilizada pelas novas forças feministas e reconhecendo formalmente a discriminação contra a mulher, decreta a década de 1975 a 1985 como a Década Internacional da Mulher. Para nossos países da América Latina, onde os movimentos de mulheres ainda se mostravam fragmentários e incipientes, a declaração da Década foi de importância decisiva. Abriu espaço para iniciativas jurídicas de revisão da posição da mulher no código civil brasileiro, para a criação de programas específicos no interior das políticas sindicais, para a criação de organização de instituições de proteção à mulheres. No final da década, em 1985, o projeto de criação do Conselho Nacional de Direitos da Mulher torna-se compromisso da campanha das “Diretas Já”.

Na década de 1980, um novo perfil desenhava o feminismo brasileiro. As conquistas obtidas já permitiam movimentos políticos de acento mais flexíveis, mais negociadores. Guerras de manobra. Tendo como cenário os processos de redemocratização após longos anos de chumbo e censura do regime militar, a política e a arte feministas relativizam a questão da “identidade” como central e partem para uma extensa e múltipla reflexão sobre uma subjetividade posicional, para a

exploração do diálogo entre o eu e o outro, entre o mesmo e a diferença. Passam da *luta pela expressão* para *aluta pelo poder interpretativo*. São vários os feminismos, como são vários seus contextos.

Entretanto, na área das letras e das artes foi ao longo da década de 90, que vamos ter os avanços mais significativos na pluralidade e na busca de múltiplas formas de radicalização da expressão feminina. As artistas não mais se identificam com o rótulo feminista. Seriam pós feministas? Se entendemos o prefixo pós como uma posição privilegiada para o exame do feminismo, certamente novas artistas o são. Já distantes das manobras de afirmação identitárias, longe dos jogos da subjetividade, das ligações perigosas entre o eu e o outro, agora as mulheres criticam e interpretam com estratégias radicais a sociedade, a história, os recursos perversos que lhe instituíram como mulher.